## Jorge Nascimento Rodrigues

# Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo



CENTROATLANTICO.PT

#### BANCOS SÃO COMO AS CRIANÇAS, NÃO PODEM FICAR SOZINHOS

"Eles só conhecem as regras do seu próprio interesse. Não têm visão e quando não há visão as pessoas sofrem". A frase, dita por Franklin Delano Roosevelt no seu discurso de tomada de posse a 4 de Março de 1933, era dirigida aos banqueiros que, naquele tempo de Grande Depressão, não gozavam de grande popularidade nos EUA. Poucos dias depois, num discurso onde apresentava a sua solução para a crise bancária, o recém-empossado presidente norte-americano voltaria a mimá-los como palavras como "incompetentes" e "desonestos" e a acusá-los de usar o dinheiro que lhes foi confiado pelos depositantes em especulação e empréstimos arriscados.

Em Junho desse ano, nascia o Banking Act que ficou conhecido como Glass-Steagall (o nome dos seus dois autores) e que transformou a banca norte-americana. Além de ter criado a entidade que detém a supervisão comportamental e protege os depósitos – a Federal Deposit Insurance Corporation -, introduziu algumas regras de enorme importância. A principal foi a separação entre a banca comercial e a banca de investimento.

Roosevelt aproveitou o sentimento generalizado em relação aos bancos, propício a medidas deste tipo, e conseguiu impor alterações no sistema que duraram muito tempo. A regra da separação, talvez a mais importante, morreu em 1999 durante a administração Clinton. Diga-se o que se disser, parece pouco plausível que a crise do *subprime* nos EUA e outras que viveram desde a década de 70 não tenham a ver com o progressivo desmantelamento da regulação dos anos 30 do século passado.

Por causa da actual crise e de alguns escândalos como o da Libor, o sentimento em relação ao sistema financeiro é hoje semelhante ao de então. E também têm surgido propostas por todo o Mundo para melhorar a regulação, algumas já em prática, outras não. Quando há crises, normalmente a vontade de regular aumenta. Quando as crises estão já esquecidas no tempo, começa a haver pressão para desregular. Afinal, se não há crises para quê tantas regras?

Como nos mostra Jorge Nascimento Rodrigues, neste **Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo**, "a financeirização é um fenómeno quase bicentenário". Nasceu no século XIX no Reino Unido e espalhou-se por vários países, tendo já no currículo várias crises graves. Não é de estranhar. O sistema financeiro existe para servir a economia mas nem sempre aqueles que nele se movimentam vivem com esse desígnio. Pelo contrário, vive muitas vezes com base naquilo a que o livro chama o "espírito rentista". É muito fácil decisões transformarem-se na busca simples de lucros fáceis e rápidos e, de preferência, com chorudos bónus para quem gere. O mais provável é que se não tiver regras desvia-se com grande facilidade.

Basta percorrer o livro para encontrar exemplos de más práticas. É aqui que deve entrar o Estado: para regular, evitar abusos e garantir que o sistema financeiro canaliza o seu esforço na direcção correta. Porque se as coisas correrem mal pode ser o Estado (leia-se o contribuinte) a pagar a factura por causa do famoso problema do "grande demais para falir" (too big to fail, em inglês). Ou seja, é duplamente mau para todos: o sistema não desempenha o papel que lhe compete e, além disso, ainda tem que ser ajudado.

O problema é que acabar com o sistema financeiro não é opção, temos que viver com ele. Não há economia moderna que funcione sem este 'aparelho circulatório' que capta poupanças e as

canaliza para onde fazem falta, de forma muito mais eficiente que qualquer pessoa ou empresa individual conseguiriam alguma vez fazer sozinhos. É também o que permite a economia viver com o futuro, ou seja, ir buscar dinheiro para usar no presente pagando um juro. As inovações financeiras são, na grande maioria dos casos, bons instrumentos para desempenhar ainda melhor este papel. Mas, como nos anúncios de bebidas alcoólicas, devem ser consumidas com moderação.

Não tenhamos ilusões. Por mais regras que existam, as crises vão continuar a existir. O que os Estados podem e devem fazer é, por um lado, reduzir ao máximo a sua probabilidade de ocorrência e, por outro, dotar-se de os mecanismos adequados para lidar com elas. Tudo para evitar a autodestruição do sistema financeiro - e ele é bem capaz disso - que nos arraste a todos.

JOÃO SILVESTRE, jornalista do semanário Expresso

#### A FINANÇA COMO O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO

Um qualquer banco ganha hoje mais dinheiro, e corre menos riscos, concedendo um crédito de curto-prazo a quem quiser comprar e vender acções em meia-dúzia de dias, na bolsa, do que financiando um investimento que vai criar empregos e gerar lucros ao longo de anos.

Uma dinâmica perversa que se apoderou daquela que Jorge Nascimento Rodrigues identifica como a quinta revolução financeira. As aplicações financeiras ganharam vida própria, deixaram de ser um meio para se transformarem num fim, separaram-se do universo da produção e da moeda.

Como o Capital Financeiro conquistou o Mundo é um livro que nos permite olhar para os tempos que estamos a viver com as lentes da história e adivinhar as tendências. Aprendemos a relativizar e a ser menos eurocêntricos. (Não, esta não é a primeira revolução financeira, é a quinta. É à China que cabe a liderança dessa inovação, o país que está hoje melhor colocado para beneficiar dos actuais abalos.) Mas essa relativização que a história nos oferece aponta-nos para tendências que parecem conduzir a inevitáveis rupturas.

Na primeira parte do livro Jorge Nascimento Rodrigues revelanos o que nos conduziu até esta financeirização. Durante as últimas décadas toda a sociedade passou a respeitar uma lógica financeira. Da ditadura dos resultados trimestrais, em que os lucros têm de ser sempre crescentes, até às mais recentes regras contabilísticas, em que as contas de uma empresa são mais o reflexo das suas aplicações financeiras do que dos seus negócios, tudo converge para a financeirização.

"Todos se transformaram em intermediários financeiros" e "passou a ser entediante fazer crescer uma empresa, um negócio", são constatações e conclusões de economistas citados. Uma realidade que destrói as narrativas "adam smithianas" do padeiro que, com seu egoísmo, gera o bem comum.

Um livro que nos desafia a reflectir sobre qual pode ser o futuro de um mundo de pai, filho e espírito dominados pela lógica financeira que destrói mais do que cria valor.

**HELENA GARRIDO**, directora-adjunta do *Jornal de Negócios* e professora de jornalismo económico na Universidade Lusófona

#### COMO O CAPITAL FINANCEIRO CONQUISTOU O MUNDO

Breve história de cinco revoluções financeiras

Autor Jorge Nascimento Rodrigues

Editor Centro Atlântico

Colecção Desafios

Revisão Centro Atlântico

Capa Helder Oliveira

1.ª edição Setembro de 2012

ISBN 978-989-615-179-9

Dep. Legal /12

Impressão Papelmunde - SMG, Lda

© Centro Atlântico, Lda., 2012

Ap. 413

4760-056 V. N. Famalicão

Portugal

Tel. 808 20 22 21

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

#### RESERVADOS TODOS OS DIREITOS POR CENTRO ATLÂNTICO, LDA.

Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

#### Jorge Nascimento Rodrigues

# Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo

CENTROATLANTICO.PT

Em memória da minha mãe, que faria 100 anos em Agosto

# Índice

AGRAD	ECIMENTOS	11
Prefác	IO	13
Prólo	GO	17
INTROE	)UÇÃO	21
	Eurocentrismo ou verdade histórica	22
	Ciclo da prata ou ciclo do ouro	25
	Financeirização recente ou quase bicentenária	27
CAP. 1	MAIS DE UM MILÉNIO DE MUDANÇAS	31
	Revolução 'emigra' para a Europa	
	A primeira vaga da globalização e a 'fome do ouro'	34
CAP. 2	POR QUE RAZÃO LISBOA NÃO GEROU	
	UMA REVOLUÇÃO FINANCEIRA	. 45
	Os pecados portugueses	46
CAP. 3	DO PRIMEIRO IPO NA HOLANDA AO BANCO DE INGLATERRA	<b>x</b> 53
	Um duelo de gigantes – Guilherme de Orange ou Adam Smith	
	ou Adam Smith	55
CAP. 4	Um fenómeno novo: a Financeirização	
	Economia real foi apanhada	
	Plutonomia e estrutura de casta	
	Fragilidade 'sistémica'	76
	O sistema sombra	
	Disparo na especulação financeira durante a própria crise .	82
	Economia ioiô	84

CAP. 5	CARTAS FORA DO BARALHO	89
	A nova aristocracia financeira	89
	O problema do Estado	
CAP. 6	1ª REVOLUÇÃO FINANCEIRA (SÉCS. VIII A XII)	99
	O "papel-voador" dos mercadores privados	
	da dinastia Tang	99
	O surgimento do dinheiro fiduciário	
CAP. 7	2ª REVOLUÇÃO FINANCEIRA (SÉCS. XIII A XVI)	105
	Antuérpia com sabor português	
	O Lavrador com visão marítima	
	Por que os ingleses perderam a corrida	
CAP. 8	3ª REVOLUÇÃO FINANCEIRA (SÉCS. XVII E XVIII)	117
	O primeiro IPO da História, em Amesterdão	
Сар. 9	4ª REVOLUÇÃO FINANCEIRA (SÉCS. XIX E XX)	127
	O "Grande Chefe" antipânico da Rua 36 de Manhattan .	
	O clube dos 98	
	Pierpont vê o donut	
	A doçura e o cacete	
CAP. 10	5ª REVOLUÇÃO FINANCEIRA (DESDE 1971)	143
	Os algoritmos conquistam Wall Street	
	Parece ficção científica	
	Cresceu treze vezes	
Bibliogi	RAFIA	161

#### **AGRADECIMENTOS**

A investigação para este livro teve a ajuda inestimável dos professores Michele Fratianni, da Universidade de Marche, em Itália, Gerald Epstein, do Departamento de Economia da Universidade do Massachusetts, Amherst, Estados Unidos, e de Jan Toporowski, do Departamento de Economia da School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres, Reino Unido. Fratianni desenvolveu uma investigação histórica original sobre a sucessão dos pólos financeiros globais na economia mundial e Epstein e Toporowski são referências incontornáveis em matéria do novo fenómeno histórico da financeirização. As conclusões são, naturalmente, da minha inteira responsabilidade.

O enquadramento geopolítico deste livro continua a beber na obra **Portugal – O Pioneiro da Globalização**, em co-autoria com o professor Tessaleno Devezas, e publicada, em primeira edição, em 2007. Também a magistral obra do historiador brasileiro Manuel Nunes Dias sobre **O Capitalismo Monárquico Português** é um dos pilares sobre a avaliação do papel dos portugueses na mudança radical do mundo que levou à primeira vaga de globalização e permitiu a consolidação de uma nova revolução financeira na Europa.

Um agradecimento especial ao Nicolau Santos, uma das referências do jornalismo português, pela disponibilidade para ler a obra e escrever o Prefácio.

Um agradecimento à Helena Garrido, directora-adjunta do *Jornal de Negócios*, pela leitura do livro e pelas amáveis palavras que enviou.

Um agradecimento ao João Silvestre, jornalista do *Expresso*, pelo tempo que dedicou à leitura do livro e pelo comentário enviado. As trocas de ideias e discussões com o João Silvestre, sempre fecundas, ao longo destes anos da crise, contribuíram para muitos aspectos deste trabalho.

Finalmente, um agradecimento ao editor, Libório Manuel Silva, por mais esta aposta da editora Centro Atlântico em temas de história económica virados para uma divulgação dirigida ao grande público.

#### **Prefácio**

Nicolau Santos \*

#### Sinistro Mundo Novo

Quem somos, como aqui chegámos e para onde vamos? É a estas filosóficas mas importantíssimas questões para o nosso devir que este livro dá respostas, obrigando-nos a reflectir sobre o conjunto de pistas que nos são fornecidas e que põem em causa certezas e ideias feitas, ao mesmo tempo que lançam pistas inquietantes sobre o futuro.

O mais perturbante do que se lê nestas páginas é que os males do sistema económico português, que neste ano da graça de 2012 se manifestam de novo exuberantemente, são parte integrante do ADN das nossas elites e dos nossos dirigentes. E isso é muito descoroçoante porque se percebe que mais do que o falhanço dos políticos actuais, a verdadeira responsabilidade é daqueles que, praticando e defendendo a iniciativa privada, se abrigam sob a capa protectora do Estado sempre que podem, parasitando-o quando essa oportunidade existe.

Como se chegou aqui, através de uma cultura de ostentação e despesismo assente nas importações, levando ao crescimento das despesas públicas e ao endividamento do soberano, terminando com regularidade em bancarrotas, é o que o Autor explica com dados e factos.

Foi sempre assim? Não, não foi. E o nosso destino poderia ter sido outro. Mas o dirigismo régio, que atingiu o seu auge no período manuelino e o erro estratégico da expulsão dos judeus em 1496, a que se seguiu o período negro da Inquisição, afugentou os capitais privados de Portugal e decapitou os que estavam mais bem preparados para as novas oportunidades que surgiam, tornando-nos dependentes do financiamento dos banqueiros estrangeiros e vulneráveis à especulação financeira europeia.

Há, depois, um mito que este livro desmonta: o de que a financeirização da economia mundial, com as crises cíclicas que tem originado, nasceu a partir da grande desregulamentação financeira dos anos 80 do século passado. Na verdade, temos de recuar, segundo o Autor, a meados do século XIX, para assistir ao nascimento desse processo, em que a economia capitalista passa a ser dominada pela lógica financeira, originando em 1825-26 a primeira crise global, a que muitas outras se seguiram.

O grande problema do capitalismo financeiro é que origina uma mudança brutal de paradigma do sistema capitalista: torna-se muito mais fácil fazer dinheiro através de aplicações e das mais diversas engenharias financeiras do que investir produtivamente na criação e desenvolvimento de empresas não financeiras, que produzam bens ou serviços úteis às sociedades.

Por isso, não só muitos investidores se mudaram das actividades produtivas para as financeiras, como a gestão das empresas se passou a subordinar à maximização do valor para os accionistas, medida pelas variações trimestrais bolsistas. Como ironiza Jan Toporowski, da Universidade de Londres, passou a ser «entediante» fazer crescer as empresas, expandindo a produção ou o comércio. O dinheiro tornou-se dominante em toda a lógica económica e a sua taxa de rentabilidade tornou-se muito superior à das actividades produtivas.

Isto levou a que a elite financeira de que daqui nasceu e se fortaleceu acabou por capturar o poder político e as universidades, que produzem as teorias que alimentam o sistema, o justificam e o enaltecem. O crescente desequilíbrio de rendimentos em todas as sociedades é a consequência natural deste conúbio lunar.

Outra consequência é a existência de um sistema financeiro sombra, que os políticos e as autoridades reguladoras deixaram crescer astronomicamente, sob a pressão ideológica, política e económica dos mentores deste sistema, e que ganha somas incalculáveis na especulação contra países e empresas, não se importando com os milhões de pessoas que lança no desemprego e na indigência.

Esta é uma das principais razões porque o mundo em geral, mas o ocidental em particular, vive uma crise sem precedentes, uma crise que nada tem a ver com crises anteriores, que demorará décadas a passar, que deixará milhões de pessoas sem emprego, que arrasará incontáveis empresas e áreas de actividade e que, em última instância, marca o inevitável declínio do Ocidente perante um capitalismo financeiro muitíssimo agressivo, sem regras, potenciado exponencialmente pela globalização e por «banksters» e que está já a conduzir à concentração formidável de riqueza num pequeníssimo número de pessoas e empresas (não mais que 10 mil, segundo um estudo de 2008, citado pelo Autor).

O futuro é assim, cada vez mais, um lugar pouco recomendável para viver. E mais se torna quando se constata que os mercados financeiros são cada vez menos controlados por pessoas e cada vez mais por algoritmos, que dão ordens de compra e venda em milésimos de segundo e provocam violentíssimas alterações de preços, ganhando milhões nessa arbitragem invisível ao olhar humano.

É a ficção científica em todo o seu esplendor. As máquinas tomam decisões com base em dados e estatísticas, passando a condicionar a vida de milhões de seres no planeta e levando, por exemplo, a que os mercados de futuros das mercadorias cada vez menos tenham a ver com as leis da procura e da oferta das matérias-primas, podendo, por isso, provocar anos de grande escassez ou processos violentos de ruptura na produção de alimentos.

O que temos pela frente não é pois o «Admirável Mundo Novo», de Aldous Huxley, mas sim um «Sinistro Mundo Novo», que será um local muito pouco recomendável para viver – e onde não é de excluir que possa acontecer uma nova guerra mundial.

<sup>\*</sup> Director-Adjunto do semanário Expresso

#### Prólogo

"Não haja dúvidas que, surgindo a oportunidade adequada, eles regressarão à actividade perniciosa".

FERDINAND PECORA, Wall Street Under Oath, The Story of Our Modern Money Changers, 1939

Este livro tem dois objectivos.

Por um lado, projectar um filme rápido sobre a história mais do que milenar do nascimento e expansão do capital financeiro, através das revoluções que liderou desde o final do século VIII. A sua história está cheia de inovações surpreendentes. Não se trata de uma história breve do dinheiro, nem dos bancos, nem da política monetária soberana. Mas dos principais capítulos da projecção estratégica deste segmento do capitalismo.

Por outro lado, ressaltar que a financeirização é a maior mudança estrutural no capitalismo nos últimos dois séculos. Compreender esse fenómeno é hoje crucial.

A nova lógica de funcionamento das economias em que o capital financeiro se tornou hegemónico tornou o sistema capitalista, a partir do século XIX, mais instável e provocou várias crises cíclicas, em que se destacam as Grandes Depressões de 1890-93 e 1929-1938 e a Grande Recessão que irrompeu em 2007 e que ainda está em curso. Alguns economistas apelidaram estas três crises globais de "sistémicas", associadas a momentos cruciais em que o modelo económico viveu ou ainda vive desajustamen-

tos tectónicos, que obrigaram ou obrigam os agentes económicos e os decisores políticos a mudanças estratégicas.

No entanto, a captura do poder político pelo capital financeiro e o próprio facto da economia 'real' se ter deixado apanhar pela lógica financista na sua gestão, sobretudo a partir do final dos anos 1970, torna mais difíceis de implementar as mudanças estruturais necessárias para sair desta crise 'sistémica'.

Por detrás do declínio progressivo do crescimento económico nos países desenvolvidos, da redução do próprio efeito multiplicador do endividamento soberano deitando às urtigas a bondade do keynesianismo, da quebra relativa no investimento produtivo e da euforia com tudo o que possa gerar rendas financeiras, da transformação do 'sistema sombra' financeiro num poder fático, acusado por outros segmentos do próprio capital financeiro de viver em roda livre, não estão 'falhas de mercado' ou 'falta de transparência' no edifício descrito, com muita dose de imaginação, pelos fundadores da Economia Política no século XVIII.

Sustentando essas 'imperfeições', hoje tão chocantes, está uma 'mão visível' – um modelo económico de procura sistemática de rendas financeiras, a que muitos chamam de 'rentista' (da palavra francesa *rentier*). Modelo que tem um padrão de comportamento cíclico que provoca crises de grande envergadura que Hyman Minsky e Charles Kindleberger já explicaram desde os anos 1970.

A primeira vaga de financeirização iniciada no século XIX acabou por secundarizar o papel dos capitães da Revolução Industrial e dos génios da nascente revolução do *management* empresarial catapultando para a ribalta os barões da alta finança, a que Stendhal chamava de "nobreza da classe burguesa". No

saldo desta vaga ficaram mais de cem anos salpicados pelas primeiras crises globais do capitalismo entre 1825 e 1938.

A segunda vaga de financeirização, iniciada nas últimas décadas do século XX, acabou por 'engolir' a ascensão dos "trabalhadores do conhecimento" e a revolução do empreendedorismo, e dominar a "sociedade do conhecimento" cantada por Peter Drucker. Saldou-se, até à data, por diversas vagas de crises de dívida soberana em várias partes do mundo desde os anos 1980, por um *crash* espectacular da 'bolha' das empresas de base tecnológica no ano 2000 e, finalmente, pela grande crise que ainda estamos a viver desde 2007. Mais uma Grande Recessão, para os anais da história, gerada por um instrumento financeiro desconhecido do comum dos mortais que dava por esse nome, que não lembra a ninguém, de *subprime*.

O problema não é, por isso, de desconhecimento teórico do mecanismo que gera as crises financeiras do capitalismo, nem mesmo de falta de memória histórica. Apesar das gerações envolvidas em cada período histórico serem naturalmente diferentes e das grandes crises do final do século XIX e do início do século XX estarem bem distantes, há, sempre, algum livrito à mão para as recordar.

A inovação financeira, a resiliência milenar do capital financeiro, a sua capacidade de adaptação darwiniana, a sua enorme agilidade em explorar janelas de oportunidade, inclusive no meio das crises financeiras e entre os calcanhares de Aquiles da política, é parte integrante da procura de rendas financeiras. É o seu *animal spirits*, com as euforias e os pânicos, com as manhas e os pecados. Não é uma 'imperfeição' do mercado moderável com discursos de ética, nem com lições de história ou de teoria económica. É um modelo de capitalismo e de poder.

É, por isso, um problema da esfera política como bem o compreendeu o presidente norte-americano Franklin Roosevelt logo que tomou posse, em Março de 1933. Roosevelt rapidamente alavancou as conclusões da Comissão chefiada pelo temível Ferdinand Pecora e produziu uma vaga de legislação que delimitaria a actuação da finança durante quase meio século.

Na sequência das conclusões da comissão Pecora, a arraia-miúda da *Main Street* começou a alcunhar os responsáveis da crise financeira em Wall Street como *banksters*. Profeticamente, Pecora, no seu livro de memórias da época, **Wall Street under Oath**, diria: "Não haja dúvidas que, surgindo a oportunidade adequada, eles regressarão à actividade perniciosa".

O académico Ben Bernanke, em Janeiro de 2000, numa conferência em Boston sobre a paralisia política do governo nipónico face à crise que o país do Sol Nascente atravessava há uma década, recordava aos japoneses a importância da "determinação rooseveltiana".

Com alguma ironia, Paul Krugman, na sua mais recente obra Acabem com esta crise, Já!, relembra estas palavras do professor Bernanke para lamentar que o banqueiro central Bernanke as tenha esquecido.

"Determinação rooseveltiana", precisa-se.

#### Introdução

O capital financeiro é uma das invenções humanas mais extraordinária. E como se verá, acompanhando o filme da sua história, um vector da economia e da sociedade com uma capacidade de adaptação, agilidade, inovação, mudança, transformação e mobilidade assinaláveis. Não são de mais os adjectivos para lhe colar.

Investigar a história serve para avivar a memória, sem que isso seja selo de garantia para não cair nas armadilhas do presente ou conselho para a 'copiar'. Como afirmam Christopher Kobrak e Mira Wilkins, em "The 2008 Crisis in an economic history perspective", publicado na revista *Business History*, "uma das lições mais duradouras é que o desespero ou a euforia baseadas em analogias históricas é algo tão comum como perigoso".

Mas vale mais ter memória, do que ignorar a História. Há, sempre, repetição de padrões. Contudo, também há individualidade, originalidade, invenções e inovação, nos eventos em cada época. Aliás, traços presentes em todo este filme das revoluções financeiras, encarado como um processo longo, mais do que milenar. Os padrões são a procura de rendas – um *animal spirits* ávido de rendas – e os ciclos de crise financeira. A originalidade é a multitude de inovações ao longo de vários séculos e o como e quando as crises rebentam.

Neste livro optámos pelo caminho de romper com três variantes 'tradicionais' da narrativa histórica sobre a evolução do capital financeiro.

#### Eurocentrismo ou verdade histórica

A primeira narrativa 'apaga' cinco séculos de uma penada e descobre a finança nas Repúblicas Italianas ou nas casas financeiras alemãs do século XIII em diante.

Essa variante deixa no sótão da memória o papel da China e do Islão medievais.

Ninguém imaginaria que os conglomerados financeiros dos mosteiros budistas na China e as inovações financeiras criadas pelos muçulmanos, para comerciar ao longo do seu extenso império, dessem origem a uma história mais do que milenar em que um sector social e um segmento do capitalismo ganhassem a projecção global e a importância crítica que têm nas economias contemporâneas.

Durante muitos anos, no Ocidente, desprezou-se o que se passara em tempos idos na geografia do Islão e pela longínqua China – neste último caso, a sua história de inovações económicas, financeiras, tecnológicas e geopolíticas foi relegada para a penumbra de algo que não se compreendia e se rotulava de herança do "modo de produção asiático" marcado por uma imutabilidade sociocultural e económico-financeira milenar.

O eurocentrismo na apreciação da história do capitalismo e da finança mundial perdurou durante muito tempo.

Uma escola japonesa de académicos especialistas nas dinastias chinesas dos séculos IX a XIII revelou, desde o início do século

#### **BIBLIOGRAFIA**

ALVAREDO, FACUNDO, ATKINSON, ANTHONY B. e PIKETTY, THOMAS, "The World Top Incomes Database", a consultar no *site* http://g-mond.parisschoolofeconomics.eu/topincomes . Dados citados foram obtidos em Junho de 2012

ARCAND, JEAN-LOUIS, BERKES, ENRICO e PANIZZA, UGO (2012), "Too Much Finance?", IMF Working Paper 12/161

BALAZS, ÉTIENNE (1960) "The Birth of Capitalism in China", *Journal of Economic and Social History of the Orient*, 3, s. 196-216

BEAUD, MICHEL (1981), **Histoire du Capitalisme, 1500-1980**, Éditions du Seuil, Paris

BICHLER, SHIMSHON e NITZAN, JONATHAN (2012), "The asymptotes of power", Real-World Economics Review,  $n^{\circ}60$ 

CITIGROUP (2005), "Plutonomy: Buying Luxury, Explaining Global Imbalance"

CITIGROUP (2006), "Revisiting Plutonomy: The Rich Getting Richer"

CLIFF, DAVE e NORTHROP, LINDA (2012), "The Global Financial Markets: an Ultra Large Scale Systems Perspective", Government Office for Science, Foresight, Londres

CORRÊA, VANESSA PETRELLI (2004), "Inovações Financeiras – as principais mudanças dos mercados financeiros após a IIª Guerra Mundial e o movimento de globalização", tese de doutoramento, Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

DEVEZAS, TESSALENO (2012), "Scarcity and Abundance: Analyzing Dematerialization", *Ecological Economics* 

DIAS, MANUEL NUNES (1963), **O Capitalismo Monárquico Português**, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra

DOUCHÉ, JEAN (1966), **Histoire du Monde, Le Grand Tournant**, volume 4, Flammarion

DREYER, EDWARD (2007), **Zheng He – China and the Oceans in the Early Ming Dynasty, 1405-1433**, Pearson Education

DRUCKER, PETER (1946, 1964), **The Concept of Corporation**, The New American Library

EPSTEIN, GERALD (2002), **Financialization, Rentier Interests and Central Bank Policy**, Political Economy Research Institute, University of Massachusetts, Amherst

EPSTEIN, GERALD e HABBARD, PIERRE (2011), "Speculation and Sovereign Debt – An Insidious Interaction", ITUC CSI IGB TUAC-Trade Union Advisory Committee to the OCDE

EPSTEIN, GERALD, editor (2006), **Financialization and The World Economy**, Edward Elgar Publishing

FERGUSON, CHARLES (2012), Predator Nation: Corporate Criminals, Political Corruption, and the Highjacking of America, Crown

FERGUSON, NIALL e ROUBINI, NOURIEL (2012), "The Perils of Ignoring History – This time, Europe really is on the brink", *Der Spiegel*, 6 de Junho

FINANCIAL STABILITY BOARD (2011), "Shadow Banking: scoping the issues", Basileia, Suíça

FRAME, W. SCOTT e WHITE, LAWRENCE J. (2009), "Technological Change, Financial Innovation and Diffusion in Banking", Working Paper 2009-10, Federal Reserve Bank of Atlanta

FRATIANNI, MICHELE (2005), "Did Genoa and Venice kick a financial revolution in the Quattrocento?", Conferência sobre "International Financial Integration: The Role of Intermediaries", Viena de Áustria

FRATIANNI, MICHELE (2008), "The evolutionary Chain of International Financial Centers". Money and Finance Research Group, Working Paper  $n^{\circ}6$ 

GELDERBLOM, OSCAR, JONG, ABE DE e JONKER, JOOST (2010), "An admiralty for Asia, Isaac le Maire and conflicting conceptions about the corporate governance of the VOC", *ERIM Report Series Reference No. ERS-2010-026-F&A* 

GIANNINI, CURZIO (2004), **L'età delle Banche Centrali**, Il Mulino, Bolonha

GRAEBER, DAVID (2011), **Debt – The First 5000 years**, Melville House, New York

HUDSON, MICHAEL (1972, 2003), **Super Imperialism: The Economic Strategy of American Empire,** Holt, Rinehart and Winston

JERMANN, URBAN e QUADRINI, VINCENZO (2006), "Financial Innovation and Macroeconomic Volatility", Conferência "Financial Innovations and the Real Economy", Center for the Study of Innovation and Productivity", Federal Reserve Bank of San Francisco, 16-17 Novembro

JUNG-PANG, LO (1954), "The Rise of China as a Sea Power during the Late Sung and Early Yuan Periods", *Far Eastern Quaterly*, n°14, pp. 489-503

KEEN, STEVE (2002), Debunking Economics, The Naked Emperor of the Social Sciences, Zed Books

KENNEDY, GAVIN (2005), **Adam Smith's Lost Legacy**, Palgrave Macmillan

KENNEDY, GAVIN (2008), "Adam Smith and the Invisible Hand: from metaphor to myth", The History of Economic Thought 40th Anniversary Conference, Universidade de Edimburgo

KENNEDY, GAVIN (2010), Adam Smith: A Moral Philosopher and His Political Economy, Palgrave Macmillan

KINDLEBERGER, CHARLES (1973, 1986, 2012), World Depressiom, 1929-1939, University of California (1973)

KINDLEBERGER, CHARLES (1984), **A Financial History of Western Europe**, George Allen & Unwin

KRIPPNER, GRETA R. (2005), "The Financialization of the American Economy", *Socio-Economic Review*, vol.3, n°2, pp.173-208

KRUGMAN, PAUL (2012), **End this Depression Now**, Melrose Road Partners

KUPCHAN, CHARLES (2012), No One's World: The West, The Rising Rest, and the Coming Global Turn, Oxford University Press

LAEVEN, LUC e VALENCIA, FABIÁN (2012), "Systemic Banking Crises Database: An Update", IMF, Working Paper 12/163, Junho

LAPAVITSAS, COSTAS (2011), Theorizing Financialization, Sage

LI, DAN (2012), "Chinese Outward Foreign Direct Investment", conferência, Kelley School of Business, Universidade de Indiana

LIU, JAMES T.C. e GOLIAS, PETER J. (1969), **Change in Sung China – Innovation or Renovation?**, Rainbow-Bridge Book, Taiwan

LIU, JIE e KENNEL, JOANNA SCOTT (2011), "Asset-seeking Investment by Chinese Multinationals: Firm Ownership, Location and Entry Mode", *Asia Pacific and Globalization Review*, vol. 1, n°1, Institute of Asia Pacific Studies, Canadá

MAGDOFF, FRED (2006), "The Explosion of Debt and Speculation",  $Monthly\ Review$ , vol. 58,  $n^{\circ}6$ 

MARCUS, JACOB (1938), **The Jew in the Medieval World: A Sourcebook, 315-1791**, JPS, Nova Iorque

MASTERS, BROOKE (2011), "Shadow banking surpasses pre-crisis level", *Financial Times*, 27 de Outubro

MIELANTS, ERIC H. (2007), The Origins of Capitalism and the Rise of the West, Temple University Press

MINSKY, HYMAN P. (1974), "The Modeling of Financial Instability: An introduction". *Modeling and Simulation*. Proceedings of the Fifth Annual Pittsburgh Conference

MINSKY, HYMAN P. (1982), Can "it" happen again?: Essays on Instability and Finance, M.E. Sharp

MINSKY, HYMAN P. (1993), "The Financial Instability Hypothesis", **Handbook of Radical Political Economy**, editado por Philip Arestis e Malcolm Swayer, Aldershot

MODELSKI, GEORGE (1985), **Long Cycles in World Politics**, University of Washington Press

OLIVEIRA, RUI T. e LIU, HONG (2012), "A Revisit to the Patterns and Influences of China's Outward Foreign Direct Investment", documento dos autores

OLIVEIRA, RUI TORRES DE (2012), "Como as empresas chinesas decidem na hora de investir no exterior", *Expresso*, 30 de Junho

ORHANGAZI, OZGUR (2007), "Financialization and Capital Accumulation in the Non-financial corporate sector, A theoretical and Empirical Investigation of the US Economy: 1973-2003", Political Economy Research Institute, University of Massachusetts Amherst, Working Paper 149

PALLEY, THOMAS I. (2007), "Financialization: What it is and why it matters", The Levy Economics Inst of Band College, Working Paper 525

PECORA, FERDINAND (1939, 1973), Wall Street Under Oath, The Story of Our Modern Money Changers, A.M-Kelley

PETRAM, LODEWIJK OTTO (2011), "The world's first stock exhange: how Amsterdam market for Dutch East India Company shares become a modern securities market, 1602-1700", Faculdade de Humanidades, Universidade de Amesterdão

PLENDER, JOHN (2012), How the Traders trumped the Quakers, The Financial Times. 7/8 de Julho

POHL, HANS (1977), **Die Portuguisen in Antwerpen (1567-1648)**, Franz Steiner Verlag, Wiesbaden.

PROUDHON, PIERRE-JOSEPH (1857), Manuel du Spéculateur à la Bourse. Garnier Frères

PUGA, Diego (2012), "International Trade and Institutional Change: Medieval Venice's Response to Globalization", NBER, Working Paper 18288, Agosto

REINHART, CARMEN e ROGOFF, KENNETH (2009), **This Time is Different – Eight Centuries of Financial Folly**, Princeton University Press

ROBBERT, LOUISE BUENGER (1999), "Domenico Gradenigo: A thirteenth.century Venetian Merchant", in **Medieval and Renaissance Venice**, University of Illinois Press

RODRIGUES, ADRIANO VASCO (2012), "A desvalorização da moeda, a subida dos impostos e a má gestão financeira, a partir da 1ª Dinastia portuguesa", *Revista Portuguesa de Contabilidade*, vol. II, nº6, pp. 281-300

RODRIGUES, JORGE NASCIMENTO (2012), "A primeira grande guerra de algoritmos – o mundo financeiro invencível, em velocidade abaixo do segundo (uma conversa com o físico Neil Johnson)", publicado em janelanaweb.com

RODRIGUES, JORGE NASCIMENTO (2012), "Os grandes desafios da economia invisível", entrevista a W.Brian Arthur, *Exame*, nº335, Março

RODRIGUES, JORGE NASCIMENTO (2012), **Portugal na Bancarrota – Cinco séculos de História da Dívida Soberana Portuguesa**, Centro Atlântico

RODRIGUES, JORGE NASCIMENTO e DEVEZAS, TESSALENO (2007, 2009, 2011), **Portugal – O Pioneiro da Globalização**, Centro Atlântico

ROTHKOPF, DAVID (2008), The Global Power Elite and the World they are Making, Farrar, Strauss and Giroux

ROTHKOPF, DAVID (2012), Power Inc, Farrar, Straus and Giroux

SAEZ, EMMANUEL (2012), "Striking it Richer: The Evolution of Top Incomes in the United States", *site* do autor em *http://elsa.berkeley.edu/* ~*saez/* 

SCHULARICK, MORITZ e TAYLOR, ALAN M. (2009), "Credit booms gone bust", *Financial Times*, 30 de Novembro

SHILLER, ROBERT (2012), **Finance and the Good Society**, Princeton University Press

SOBRAL, FERNANDO e CORDEIRO, PAULA ALEXANDRE (2005, 2011), **Barings - A História do Banco Britânico que Salvou Portugal**, Oficina do Livro

TANG, KE e XIONG, WEI (2011), "Index Investment and Financialization of Commodities", NBER, Working Paper No. 16385

THOMAZ, LUÍS FILIPE F.R. (1994), **De Ceuta a Timor**, Difel

TOPOROWSKI, JAN (1986), "Why the world Economy needs a financial crisis", Financial Times

TOPOROWSKI, JAN (2010), Why the world Economy needs a financial crash and other critical essays on finance and financial Economics, Anthem Press

UNCTAD (2012), Global Investment Trends Monitor 2011, Abril

WIIG, ARNE e KOLSTAD, IVAR (2012), "What determines Chinese Outward FDI?", *Journal of World Business*, vol.47, n°1, pp.26-34

WOLFSON, MARTIN H. (1995), **Financial Crisis: Understanding the Postwar US Experience,** M.E. Sharpe

WOOD, JONH H. (2005), **A History of Central Banking in Great Britain and the United States**, Cambridge University Press

### Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo

Breve História de Cinco Revoluções Financeiras

Quem somos, como aqui chegámos e para onde vamos? É a estas filosóficas mas importantíssimas questões para o nosso devir que este livro dá respostas, obrigando-nos a reflectir sobre o conjunto de pistas que nos são fornecidas e que põem em causa certezas e ideias feitas, ao mesmo tempo que lançam pistas inquietantes sobre o futuro.

Nicolau Santos, director-adjunto do semanário Expresso

Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo é um livro que nos permite olhar para os tempos que estamos a viver com as lentes da história e adivinhar as tendências. Aprendemos a relativizar e a ser menos eurocêntricos. Um livro que nos desafia a reflectir sobre qual pode ser o futuro de um mundo de pai, filho e espírito dominados pela lógica financeira que destrói mais do que cria valor.

Helena Garrido, directora-adjunta do Jornal de Negócios

Como nos mostra Jorge Nascimento Rodrigues, neste Como o Capital Financeiro Conquistou o Mundo, "a financeirização é um fenómeno quase bicentenário". Nasceu no século XIX no Reino Unido e espalhou-se por vários países, tendo já no currículo várias crises graves. Não é de estranhar. O sistema financeiro existe para servir a economia mas nem sempre aqueles que nele se movimentam vivem com esse desígnio. Pelo contrário, vive muitas vezes com base naquilo a que o livro chama o "espírito rentista".

João Silvestre, jornalista do semanário Expresso